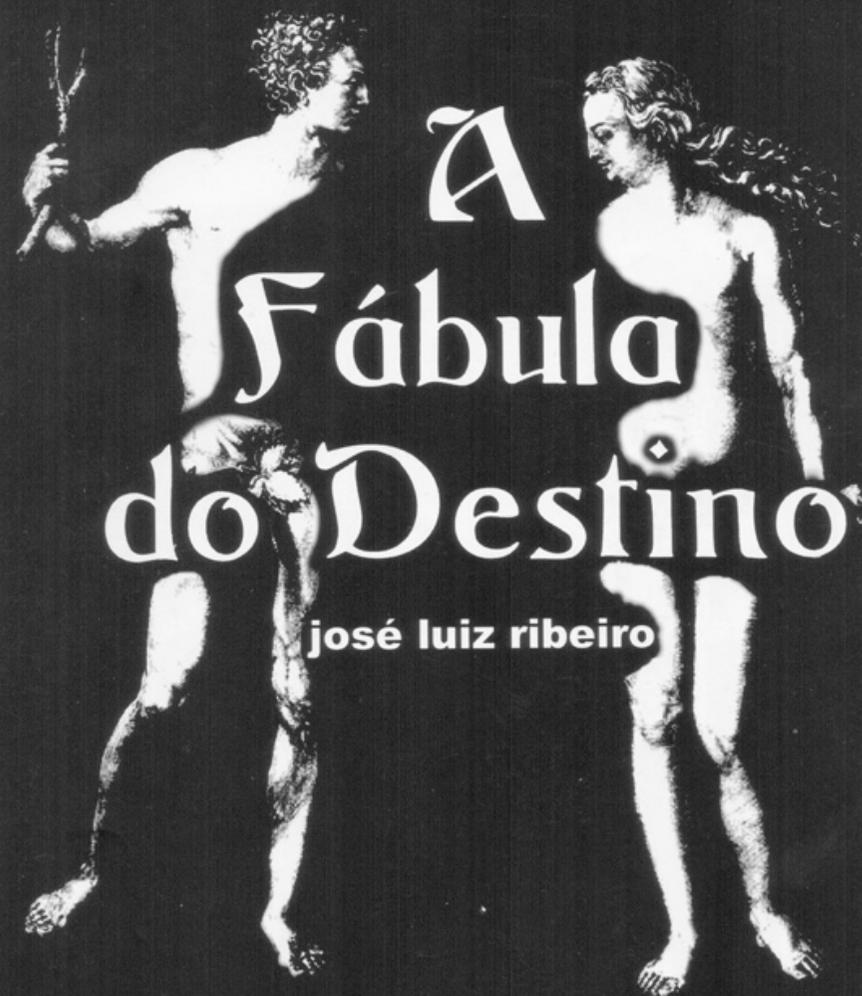


**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO DIVULGAÇÃO**



**Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação
2004**

Forum da Cultura

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação

apresenta



Forum da Cultura
2004

A LITURGIA CÍVICA DO DIVULGAÇÃO

Danielle Francisco

O Teatro Jesuítico surgiu no Brasil do século XVI. As peças do Padre José de Anchieta eram encenadas em português e tupi, com o intuito de catequizar e propagar o cristianismo às platéias indígenas.

Hoje, na Juiz de Fora do século XXI, há também um teatro catequético. O trabalho evangelizador do Grupo Divulgação continua a propagar os ideais de uma arte comprometida com seu povo e com sua história. Eis o nosso rito. Eis a nossa profissão de fé.

Há 19 anos, milhares de alunos e professores da rede pública de educação e diferentes grupos sociais comungam conosco a crença no teatro e no seu potencial de formar homens melhores. Dessa forma, apresentamos o resultado de densas e ricas pesquisas baseadas no público do projeto de extensão da UFJF – Facom, Escola de Espectador.

A Fábula do Destino vem responder à desafiadora questão: O que contar a esta platéia jovem que cada vez mais está sob o domínio da televisão midiática e sensacionalista? A nossa história, de cunho popular e caráter alegórico, utiliza-se da forma e da linguagem épica para despertar no espectador a reflexão e a consciência crítica, preenchendo a cena com a Santíssima Trindade da nossa doutrina artística: sonhos, luta e cidadania. Almejamos que o público entre em nosso universo de cores e

músicas populares sem se desvirtuar do universo de reflexão que o teatro épico propõe.

Os pais da humanidade, Adão e Eva, surgem no texto de José Luiz Ribeiro simbolizando de forma atual e arrojada as contradições da essência humana. Logo após serem expulsos do paraíso, Adão e Eva dialogam com a maldade nas suas variadas configurações. Através da fome, da ganância, do desemprego e do poder imposto pelo dinheiro, a peça discute os valores – ou a ausência desses – da sociedade orientada pelo consumo.

Adão e Eva discutem o papel desempenhado pelo trabalho com um representante bem conhecido e polêmico da atualidade brasileira, se deparam com a dura realidade de uma profissional da educação e assistem a trajetória de um jovem marginalizado que sobrevive através do tráfico de drogas e, deste modo, alcança a liderança de sua comunidade.

Que o Homem tire o seu sustento da força de seu trabalho, que aprenda a revalorizar a educação e o ensino e que a esperança não esmoreça. O corolário deste espetáculo é a análise da minha e da sua posição política e cidadã frente ao mundo. *A Fábula do Destino* está no palco compartilhando com seu público riso e pensamento para serem calcados na construção de uma sociedade mais igualitária. E é através do tablado, do tempo e do espaço cênico que todos os dias o Divulgaçã celebra a vida e constrói a esperança em um mundo melhor.

DRAMATURGIA DE URGÊNCIA

Márcia Falabella

Um grupo se reúne para discutir sua próxima montagem. Caso não tenha ainda um projeto definido, perguntas flutuam no ar, sem uma resposta imediata, embaladas pela expectativa e pela ansiedade de todos que querem voltar ao palco, se aventurando numa outra história, vivendo um novo personagem. O que falar? O que o público quer ver? O que é preciso dizer? Que peça possui a mensagem que se pretende? O elenco se enquadra e tem maturidade para fazê-la? É a ponta do novelo. O primeiro nó de tantos outros que fazem parte da produção de um espetáculo.

O Divulgaçã é um grupo que, ao longo de sua trajetória, durante os seus 38 anos de existência, sempre se preocupou em construir um repertório. O prazer e a poesia das palavras como a chave para adentrar num mundo mágico e múltiplo, que conquista sua realidade num tablado. Inicialmente, o desafio estava calcado nos grandes textos da dramaturgia universal. Um momento de aprendizado e desafios, numa época em que o público também tinha sede de cultura. Aos poucos, a dramaturgia brasileira encontra seu espaço nesse percurso. E, timidamente, entre uma montagem e outra, a produção de uma dramaturgia, nascida no e para o próprio grupo, começava a se esboçar através do trabalho de José Luiz Ribeiro, acrescentando novo traço à identidade do Divulgaçã.

Na verdade, o dramaturgo José Luiz entra em cena por uma inquietação artística, mas também por necessidade. Necessidade de colocar no palco os problemas da realidade local, necessidade de falar da e para a sua gente, necessidade de escrever para um determinado elenco, necessidade de peças infantis, necessidade de fugir dos altos custos para a liberação de um texto, o que assinala a ausência, por exemplo, de dramaturgos norte-americanos ou de nomes da dramaturgia contemporânea recente nesse repertório.

E, assim, vai se delineando essa *dramaturgia de urgência* que visa responder aos questionamentos imediatos do grupo e do tempo. Um exercício e um desafio que rendeu ao dramaturgo e ao Divulgação grandes sucessos como *Girança* (Prêmio Timochenko Webi, no Festival de São José do Rio Preto), *Era sempre 1º de abril*, *A escada de Jacó* ou *Todomundo*, texto com montagens em São Paulo e BH. Transitando entre a comédia e o drama, criando ou adaptando, José Luiz deixa sua marca em cada texto, seja através de sua crítica apurada, seja pelo exercício da poesia e da memória.

A Fábula do Destino, mais uma vez, responde não a uma, mas a várias necessidades. Entre elas, a de falar ao público sobre o seu tempo, em que a fome não é de cultura ou de saber, mas de consumo e de poder. O homem, num mundo de ambições e egoísmo, vazio de leis e de ética, carente de solidariedade e compreensão, robotizado pela tecnologia, emburrecido pela televisão, continua condenado pelo seu pecado original, vagando em busca do paraíso perdido.

POR UM TEATRO TRANSPARENTE

Táscia Souza

Contar a história do homem desde o surgimento do mundo mas não repetindo o que dizem as Escrituras Sagradas ou as pesquisas dos historiógrafos ou as descobertas arqueológicas. Contá-la através dos sentimentos que governaram esse homem durante toda a sua existência, dos tormentos e paixões que o conduziram àquilo em que se transformou. *A fábula do destino*, de José Luiz Ribeiro, é uma peça de transparências. Com um texto claro e um cenário curiosamente translúcido, a intenção é desvelar tudo o que atualmente vai de encontro à dignidade do ser humano, fazendo do teatro uma arma na luta contra o que precisa ser mudado.

A cenografia do espetáculo foi pensada de modo a mostrar ao espectador toda a trajetória humana. A superposição de painéis de filó branco faz com que o palco pareça estar envolto em brumas. Esse cenário empresta ao paraíso um ar ao mesmo tempo irreal e protetor, que contrasta com a brutalidade do mundo pelo qual Adão e Eva são condenados a vagar. No centro, encontra-se a Árvore da Sabedoria, símbolo da transgressão humana. A Árvore foi construída na forma de um *menorah*, candelabro judeu que simboliza Deus, a Vida e a Criação. Os sete galhos que sustentam a copa correspondem aos sete lumes do castiçal e seu tronco representa o Criador ao qual todo o resto está ligado. A base é a Vida e os braços, uma expressão do Cosmo. Juntos, Vida e Cosmo “carregam” Deus. Assim como o *menorah* é fonte de luz, o mesmo

acontece com a Sabedoria. Embora provar do conhecimento tenha sido o motivo da perdição do homem, em *A fábula do destino* utilizá-lo sabiamente é seu único meio de se salvar. No fundo da cena, um céu de nuvens passa do azul tranqüilo ao vermelho intenso da ira divina. A iluminação marca a interdição do paraíso e o início da punição, como a cor avermelhada do crepúsculo anuncia a vinda da escuridão da noite.

Os figurinos também estão muito além da aparência física das personagens. Vestindo-as, eles as desnudam, revelando seu caráter, seus problemas, suas perspectivas. É o que acontece, por exemplo, com o desempregado: o terno rasgado, a gravata torta, o sapato sujo e maltrapilho descobrem a natureza maltratada de sua alma, desiludida pela falta de oportunidades e de esperança. O mesmo ocorre com a Fome, cuja longa veste negra apresenta um aspecto tenebroso e mortificante. Por sua vez, com um figurino todo feito com sacos de lixo, a Ganância representa um enorme saco sem fundo que suga tudo o que vê pela frente e onde sempre cabe mais, mais e mais.

A música pontua todo o espetáculo. Os sambas são responsáveis pelo toque popular necessário para humanizar as personagens, gente simples do povo. A cantiga *Estava Deus em seu lugar*, incessantemente repetida, foi parodiada das brincadeiras infantis e nela está todo o fluxo narrativo da peça. O rap dá o tom moderno e despojado pretendido na montagem e a canção *Hi-Lili, Hi-Lo*, tema do filme *Lili*, denuncia o cinema hollywoodiano como instrumento de dominação, sempre “cantando a canção tão feliz” que não condiz com o caótico estado de violência e opressão em que se encontra o mundo.

TEATRO HIPERTEXTUAL

Gustavo Burla

Um pintor estuda, planeja, escolhe as tintas, as cores, os tons, seleciona o ponto-de-vista, adapta a luz, cria um esboço e, pronto!, pinta. Dá pinceladas precisas, calcula as sutilezas, lambreca-se todo e respinga tinta pelo chão, mas chega a um resultado. Ao final, diante do artista, está o fruto de todo o trabalho, a pintura pela qual ele se esforçou por tanto tempo, sua obra de arte, uma grande... porcaria! Deu tudo errado. O pintor raspa a tela e vê que o erro está lá no rascunho.

O caos dos dias atuais não começou da noite pro dia e o alerta que os arautos do apocalipse fazem é apenas um sinal da situação-limite em que o mundo se encontra. Para entender o que acontece hoje é importante saber o que ocorreu ontem e encontrar o erro. O sinal do fim dos tempos aponta para o início, para a pintura feita com o Paraíso como cenário e Adão como personagem.

Com o tempo e os fatos a pintura foi desbotando e o homem foi se mostrando cheio não só de qualidades, mas também de defeitos. A solidão no Paraíso é tema de samba, a criação de Eva gera a necessidade da comunicação; e, cantando e contando, a humanidade foi dando nome a tudo o que encontrava e, assim, tentava se explicar.

O teatro ajuda a explicar o homem e o mundo, e pra isso conta histórias que nascem do pensar. E muitas vezes algumas coisas lembram

outras e assim por diante, criando toda uma série de relações que fazem pensar naquela situação inicial. Esse é o teatro hipertextual, o que mistura passado e presente, palco e platéia, certezas e dúvidas, realidade e ficção.

No diálogo entre o palco e a sala, o palco mostra ao público o que acontece no mundo que espera lá fora. E o público também contribui, oferecendo pessoas da realidade para interagir com as figuras alegóricas da cena. É como num sonho em que se entra numa pintura para vivê-la como se fosse real; e quando a luz é acendida descobre-se que não era realmente um sonho, que tudo aquilo é a realidade.

Um sonho conduz a outro, uma idéia leva a outra e em cada uma o ser humano vê um pouco de si. Em cada pequena coisa existe uma parte da explicação para o todo, e é importante que a sociedade de hoje descubra a origem de seus atos, encontre o motivo pelo qual tudo está como está. Os problemas do mundo de hoje, que angustiam muitas pessoas, podem ser alimentados por essas mesmas pessoas sem que elas saibam. Tudo está relacionado no grande teatro do mundo.

Por trás de tudo estão as escolhas. Nas oportunidades nascem as escolhas, nas escolhas nascem os erros e os acertos, nos erros e nos acertos nascem os sucessos e os fracassos, nos sucessos e nos fracassos nascem as novas oportunidades. Tudo está relacionado e assim vem sendo desde sempre, uma coisa levando a outra e assim sucessivamente. É fundamental que a humanidade pense no que fez e no que está fazendo. E não só pense, mas faça.

DA CENSURA AO TEATRO POPULAR

Evandro Medeiros

Quem conta um conto aumenta um ponto. É por isso que contar uma história é sempre reinventá-la, sob a ótica do narrador. Contando e recontando histórias todas as noites, o Grupo Divulgação oferece ao público de Juiz de Fora, há 38 anos, um teatro com sotaque regional.

Tudo começou quando um grupo de estudantes da antiga Faculdade de Filosofia e Letras começou a se reunir para celebrar a paixão pelo teatro. Não demorou muito para que apresentassem ao público o resultado dos estudos realizados através do espetáculo *Amor em verso e canção*. Era 7 de julho de 1966. Nascia ali o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, tendo como padrinho o poeta Federico Garcia Lorca. Entre outras influências, as estratégias definidas por Constantin Stanislavski para o Teatro de Arte de Moscou foram fundamentais.

Era um tempo de censura, de silêncio. Espetáculos chegavam a ser proibidos pelo governo na véspera da estréia. Na montagem de *Diário de um louco*, de Nicolai Gogol, em 1969, por exemplo, foi necessário amordaçar o protagonista para que o público percebesse a censura sofrida pelo Grupo. Definia-se naqueles tempos uma das características mais marcantes do Divulgação: a resistência.

Passada a ditadura veio a liberdade de expressão, mas não o contentamento. O Grupo já atingira maturidade e um currículo que incluía

grandes clássicos da dramaturgia. Mas não bastava isso. Era preciso alcançar um público que não acompanhava o trabalho do grupo até então. Era hora de educar. Em 1985, teve início o Projeto *Escola de Espectador*, com o objetivo de levar o teatro a crianças e adolescentes de escolas públicas e comunidades carentes, formando público, mas, acima de tudo, formando cidadãos.

Em 1983, o Divulgação organizou um encontro entre atores, diretores, dramaturgos e estudiosos de todo país para discutir o futuro das artes dramáticas. Do evento resultou o Seminário: *Os Caminhos do Teatro*, que reforçou a tradição dos atores do Grupo em conciliar palco e livros. Mais tarde, em 1994, o Divulgação realiza a montagem de *Minha sogra é da polícia*, primeiro de muitos espetáculos resultantes do *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade*, proposta de um trabalho de resgate da memória com metodologia pioneira no país.

Além disso, são oferecidos, anualmente, o *Curso de Iniciação ao Teatro* para adolescentes e o *Curso de Introdução ao Teatro* para o público universitário, portas de entrada para o Grupo Divulgação.

No início foi preciso driblar a ditadura para nascer. Mais tarde, foi preciso sobreviver às crises que pulverizaram grande parte das atividades culturais no país. Hoje, diante do trabalho realizado, o Divulgação sai em busca de uma linguagem que atinja o seu público, reafirmando sua vocação didática. Como em toda sua história, o Divulgação resiste. Seja montando clássicos da dramaturgia, para driblar a censura, seja falando em linguagem popular, para ser entendido.

O PÚBLICO FALA SOBRE O DIVULGAÇÃO

“Há uma frase que define bem o Divulgação: teatro é expressão de cidadania e resistência. O grupo cumpre bem esse papel.”

Tatiana Toledo Ferreira, operadora de telemarketing

“Tradição, qualidade, compromisso permanente com a cultura. Comecei a assisti-lo com 5 anos. Tenho 28 e estou aqui.”

Leonardo Ambrósio Ferreira, oficial de Justiça

“Um grupo que produz um trabalho sério e criativo, de ótimo nível, desde a sua criação”

Júlio César Bellei, engenheiro

“Sempre trabalha com peças que levam à reflexão, contemplando questões referentes à ética e à vida.”

Ângela Maria de Jesus, pedagoga

“Acho um grupo sensacional. Eleva o nome da nossa cidade às grandes escalas culturais.”

Maria Veloso, técnica em enfermagem

“Já faz parte do acervo da cidade pelo tempo que ajuda a criar arte.”

Sidnilsom Alves Ferreira, pedreiro

“É um dos melhores grupos de teatro de Minas. Sempre com espetáculos criativos e instrutivos.”

Simone de Carvalho Freitas, vendedora

“Deve ser lembrado sempre como um grupo que realmente se preocupa em levar cultura ao povo.”

Marco Aurélio Bragança, analista

“O Divulgação nos faz sentir orgulho do teatro de Juiz de Fora.”

Nívia Barros de Oliveira, médica

“Vejo-o como um empreendimento de ótima qualidade e propósito, na formação do indivíduo e do corpo social, resultados da arte do teatro bem realizado.”

Nestor Fernando Abranches, funcionário público

“Um excelente grupo que, apesar do pouco incentivo dado ao nosso teatro, traz cultura e entretenimento à população.”

Michelle Vieira Chandretti, estudante

“É um grupo muito interessante, pois suas apresentações trazem ao teatro um público que tem poucas chances de conviver com esse tipo de espetáculo.”

Maria Regina Perdigão, professora

“Acompanho o trabalho e aplaudo com muito orgulho e admiração. É um privilégio para a cidade de Juiz de Fora e um marco em sua cultura.”

Aparecida Sirimarco, do lar

“Talento e qualidade! Se a cultura de um povo se mede pelo seu teatro, nossa cultura está em alta se medida pelo Divulgação.”

Fernando Sathler Breder, dentista

“A vida é um espetáculo, temos que vivê-la com muita arte. E este grupo nos mostra um pouco desta arte.”

Emmanuel Motta Rodrigues, administrador

“É um grupo que divulga com grande desempenho a nossa cultura.”

Alexsandro de Rezende Carvalho, vigilante

“O Divulgação nos inspira a gostar de teatro e a respeitá-lo como uma arte do povo, bela e envolvente.”

Maria Juciléa Santos, do lar.

“Grupo sinônimo de celeiro de criatividade, cultura e idealismo. É uma honra ser espectadora.”

Elisabeth Saraiva, funcionária pública

Centro de Estudos Teatrais GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

A Fábula do Destino

de José Luiz Ribeiro

Desempregado

Fome

Trabalho

Adão

Deus

Anjo e Dinheiro

Anjo, Lili e Esperança

Anjo e Jovem

Eva

Professora

Ganância

Iluminotécnica

Sonotécnica

Cartaz

Figurino

*Cenário, trilha sonora,
desenho de luz e direção*

Gustavo Burla

Fátima Amorim

Júlio Andrade

Breno Fonseca

Leandro Boscatto

Evandro Medeiros

Táscia Souza

Douglas Zimmermann

Marise Mendes

Danielle Francisco

Márcia Falabella

Marcos Cardoso

Tiago Vítor

Jacqueline Glauber

e Gustavo Dore

Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Apoio: Aline Louise, Ana Carolina Radd, Angélica Rodrigues, Bárbara Stephan, Clarice Fernandes, Cristina Braga, Diogo Martins, Eliana Tavares, Franciane Lúcia, Frederico Franz, Graciele Landin, Jacqueline Glauber, Jéssica Marchetti, Leandro Rocha, Lívya Côrtes, Michelle Chandretti, Niva Garcia, Wilson Teixeira e Virgínia Fonseca.

GRUPO DIVULGAÇÃO

ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção

Antologia da mulher

Nosso amor em verso e canção

Poemineiros

O homem do século XX

Amor em verso e canção II

Poemas operários

Versos e Cantigas

ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina

Coral Universitário

Belmiro, Murilo e Pedro Nava

Camões

A menina casadoira

Pic-nic no front

Sganarello

Lição de Molière

Farsa do Mestre Pathélin

Manuel, Bandeira do Brasil

Minha sogra é da polícia

Molière

A incelença

OH! A mulher!

Os Divertimentos do Rei

Sertaneja

A gata borralheira

Sassaricando

A pousada do Marreco Verde

A estranha história de Evlyn Roe

Canto por Federico

Viva o Zé Pereira

I love you Juju

A sapateira prodigiosa

Estação Esperança

Cantando Cecília

As meninas do Experimental

Festa Brava

Estórias para boi dormir

Lampião no Inferno

O auto do rei

É isso aí, seu Ary!

Orfeu e Eurídice

João Cabral de Mello Neto

José Luiz Ribeiro (texto)

José Luiz Ribeiro (org.)

José Luiz Ribeiro (sel.)

Eugène Ionesco

Arrabal

Molière

José Luiz Ribeiro

Anônimo medieval

Malu Ribeiro (org.)

Gastão Tojeiro

José Luiz Ribeiro

Luiz Marinho

José Luiz Ribeiro

J. Eduardo Vendramini

José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz e Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Federico Garcia Lorca

José Luiz Ribeiro

Altimar Pimentel

Tiago Santiago

José Luiz Ribeiro

José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas

O circo de bonecos

História de lenços e ventos

Nem tudo está azul no país azul

Guairaká

O embarque de Noé

D. Baratinha

A gema do ovo da ema

A colcha do gigante

Girassinho

Putz, a menina que buscava o sol

A noite dos duendes

Bem do seu tamanho

Sonho Pirata

Passa, passa, assombração

D. Chicote Mula-Manca

O rouxinol do pescador

O caju encantado

Estórias pra boi dormir

O carteiro do rei

O dragão verde

O mistério das nove luas

A Chapeleira da Rua Azul

O patinho feio

Guairaká (II)

A Guerra dos legumes

Generosa@fada.com

O Rei de Quase Tudo

O menino dos caracóis

No Reino da Invenção

Walmir Ayala

Oscar von Pfuhl

Ilo Krugli

Gabriela Rabelo

José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

José Luiz Ribeiro

Sylvia Orthoff

Zuleika Mello

José Luiz Ribeiro

Maria Helena Kühner

José Luiz Ribeiro

Ana Maria Machado

Liliana Neves

José Luiz Ribeiro

Oscar von Pfuhl

José Luiz Ribeiro

Paula Schmidt

José Luiz Ribeiro

Tagore/José Luiz Ribeiro

Maria Clara Machado

Ilo Krugli et alii

José Luiz Ribeiro

Ronaldo Boschi

José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião
O urso
Bodas de Sangue
Electra
Diário de um louco
Pequenos burgueses
A visita da velha senhora
Escola de mulheres
Escorial
Romanceiro da Inconfidência
Maria Stuart
A morta
O patinho torto
Yerma
Seis personagens em busca de autor
As criadas
Arlequim servidor de dois amos
Calígula
Guerra mais ou menos santa
Pedreira das almas
Só o faraó tem alma
O beijo no asfalto
Mas que papel, seu bacharel!
O estado de sítio
Boca do inferno
A mandrágora
O rei da vela
Como se fazia um deputado
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória
O jardim das cerejeiras
Esta noite se improvisa
O inspetor geral

Nerthan Macedo
Tchekov
Garcia Lorca
Sófocles
Nicolai Gogol
Máximo Gorki
Dürrenmatt
Molière
Ghelderode
Cecília Meireles
Schiller
Oswald de Andrade
Coelho Netto
Garcia Lorca
Pirandello
Jean Genet
Carlo Goldoni
Albert Camus
Mário Brasini
Jorge Andrade
Silveira Sampaio
Nelson Rodrigues
José Luiz Ribeiro
Albert Camus
Marcus Vinícius
Maquiavel
Oswald de Andrade
França Júnior
Dias Gomes/F. Gullar
Tchekhov
Pirandello
Nicolai Gogol

Fausto
Girança
A casa de Bernarda Alba
Grito mudo
As aventuras do tio Patinhas
A aurora da minha vida
Canga
O mercador de Veneza
O santo milagroso
Rasto atrás
Era sempre primeiro de abril
Todomundo
Édipo-Rei
O burguês fidalgo
Vereda da salvação
Il teatro comico
Como se come um homem
A torre em concurso
O homem e o cavalo
A escada de Jacó
Cervantina
O devoto
O príncipe rufião
Viva a Nau Catarineta
Os ossos do barão
Girança (II)
O último portal
Botanágua
A trupe da Paz
Senhora na Boca do Lixo
Zé das Cova e Dona Morte
O Círculo de Giz
O canto do cisne
A Fábula do Destino

Goethe
José Luiz Ribeiro
Garcia Lorca
José Luiz Ribeiro
Augusto Boal
Naum Alves de Souza
José Luiz Ribeiro
William Shakespeare
Lauro César Muniz
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Sófocles
Molière
Jorge Andrade
Carlo Goldoni
S. Mrozek
J. Manuel de Macedo
Oswald de Andrade
José Luiz Ribeiro
Miguel de Cervantes
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Altimar Pimentel
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
José Luiz Ribeiro
Jorge Andrade
José Luiz Ribeiro
Brecht/ Ribeiro
Anton Tchekhov
José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:

Profª. Drª. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 38 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

García Lorca